Nasceu em S. João da Madeira em 1927.
Com toda uma vida ligada à música nas suas mais diversas facetas, desde sempre manifestou um especial carinho para com o Acordeão e a sua música, tendo sido professor deste instrumento durante longos anos.
Com a publicação do quadragésimo segundo volume desta série, pretende o autor continuar a dar um contributo para a divulgação e promoção da música portuguesa em geral e ainda de alguns temas universais que podem ser já hoje qualificados de Melodias de Sempre.

Edição e Distribuição Manuel Pereira Resende
Av. Dr. Renato Araújo, 89-2.° 3700-243 S. João da Madeira
Tel/Fax: 256829435

MELODIAS DE SEMPRE

Fados

por

Amália Rodrigues

Melodias de Sempre

In memoriam

Benilde

...Esposa e Mãe...

(1928-2000)

Edição: Manuel Pereira Resende
Distribuição: Manuel Pereira Resende
Concepção Gráfica: João Meireles
Impressão e acabamento: Escola Tipográfica das Missões - Cucujães
Tiragem: 500 Exemplares

Maio de 2009
ISBN: 978-972-8685-23-2
Depósito legal: 260034/07

Introdução

Com a publicação do quadragésimo segundo volume das Melodias de Sempre, pretendemos dar continuidade a este já longo projecto de divulgação da música Portuguesa em geral, bem como de alguns temas universais que podem ser já hoje qualificados de "Melodias de Sempre". Esta assenta na recolha feita por mim ao longo de muitos anos e no interesse que desde sempre tive na sua publicação.

Neste volume incluímos alguns dos mais importantes Fados cantados por Amália Rodrigues. Este foi com toda a certeza o volume que mais nos demorou a concluir, devido por um lado ao facto de não haver de muitos dos Fados qualquer registo impresso - só áudio - e por outro , em alguns deles, pela riqueza e liberdade da interpretação que Amália nos deixou.

Por vezes escutámos diferentes gravações e obtivemos diferentes nuances de uma mesma base – o que mais enriquece, mas mais dificultou o nosso trabalho. Optámos quer por colocar a melodia base e as restantes letras à parte, quer por colocar todo o fado de forma "corrida", quando as variações conferidas pela grande Fadista eram fortemente expressivas e diferentes das melodias base.

Procurámos ser o mais fiéis possíveis, por um lado àquilo que os compositores escreveram, mas sempre que possível às alterações que Amália Rodrigues lhes conferiu, aceitando tal como um desafio. Lançamos esse mesmo desafio aos nossos amigos que agora adquirem este, que é o 2º volume de Fados que foram imortalizados por Amália.

Desejando a todos uma utilização proveitosa deste trabalho que foi preparado com toda a dedicação e carinho, coloco-me desde já ao inteiro dispor para o esclarecimento de quaisquer dúvidas.

S. João da Madeira , Maio de 2009

Manuel Pereira Resende

Índice

Gaivota

Letra: Alexandre O'Neill
Música: Alain Oulman

♩= 52

LábM SolM

Dóm SolM

Se u-ma gai-vo - ta vi-

Dóm SolM

es - se Tra-zer-me_o céu de Lis - bo - a No de-se-nho que fi - zes - se

Fám Dóm

Nes - se céu on-de_o o - lhar É u-ma a-sa que não

LábM SolM DóM

vo - a Es-mo-re - ce_e cai no mar. Que per-

Fám SibM MibM

fei - to co-ra - ção No meu pei - to ba-te - ri - a

DóM Fám SolM Fám

Meu a - mor, na tu-a mão Nes-sa mão on-de per-

SolM Dóm

bi - a Per - fei-to_o meu co-ra - ção Se um Por-tu—-

DóM Fám SibM

Que per - fei - to co-ra - ção Mor-re -

Se uma gaivota viesse
Trazer-me o céu de Lisboa
No desenho que fizesse
Nesse céu onde o olhar
É uma asa que não voa
Esmorece e cai no mar.

Que perfeito coração
No meu peito bateria
Meu amor, na tua mão
Nessa mão onde cabia
Perfeito o meu coração.

Se um Português marinheiro
Dos sete mares andarilho
Fosse quem sabe o primeiro
A contar-me o que inventasse
Se um olhar de novo brilho
Ao meu olhar se enlaçasse.

Que perfeito coração
No meu peito bateria
Meu amor, na tua mão
Nessa mão onde cabia
Perfeito o meu coração.

Se ao dizer adeus à vida
As aves todas do céu
Me dessem na despedida
O teu olhar derradeiro
Que sonhei que era só teu
Amor que foste o primeiro.

Que perfeito coração
Morreria no meu peito
Meu amor, na tua mão
Nessa mão onde perfeito
Bateu o meu coração.

Meu amor, na tua mão
Nessa mão onde perfeito
Bateu o meu coração.

Carmencita

Letra: Frederico de Brito
Música: Pedro Rodrigues

Chama-va-se Carmencita
A cigana mais bonita
Do que um sonho, uma visão;
Diziam que era a cigana
Mais linda, da caravana,
Mas não tinha coração!
Diziam que era a cigana
Mais linda, da caravana,
Mas não tinha coração!
Os afagos e carinhos,
Perdeu os pelos caminhos,
Sem nunca os ter conhecido;
E andou buscando a aventura,
Como quem anda à procura
De um grão de areia perdido!
E andou buscando aventura
Como quem anda à procura
De um grão de areia perdido!
Numa noite de luar,
Ouviram o galopar
De dois cavalos fugindo;
Carmencita, Carmencita linda graça
Renegando a sua raça,
Foi atrás dum sonho lindo!
Carmencita linda graça,
Renegando a sua raça,
Foi atrás dum sonho lindo!
Só esta canção magoada
Se envolve no pó da estrada
Quando passa a caravana:
Carmencita! Carmencita!
Se não fosses tão bonita
Serias sempre cigana!
Carmencita... Carmencita!
Se não fosses tão bonita,
Serias sempre cigana!

DóM= Dóm= Fám- Sol7=

Havemos de ir a Viana

Letra: Pedro Homem de Melo
Música: Alain Oulman

RéM LáM

Mi7 LáM RéM

LáM Mi7 LáM LáM

En - tre som -

Fá#7 Sim Mi7 LáM

bras mis-teri - o - sas Em rom - pen-do ao lon - ge_es - tre - las

Fá#7 Sim Mi7

Tro - ca-re - mos nos - sas ro - sas Pa - ra de -

LáM

pois es-que - ce - las. Se o meu san - gue não me_en - ga - na

MiM Fá#7

Co-mo_en - gs - na a fan-ta - si - a Ha - ve-mos de_ir

Sim Mi7 LáM

a Vi - a - na Ó meu a-mor al - gum di - a.

RéM MiM

Ó meu a - mor al - gum di - a Ha - ve-mos de ir

Entre sombras misteriosas
Em rompendo ao longe estrelas
Trocaremos nossas rosas
Para depois esquece-las.

Refrão
Se o meu sangue não me engana
Como engana a fantasia
Havemos de ir a Viana
Ó meu amor algum dia.
Ó meu amor algum dia
Havemos de ir a Viana
Se o meu sangue não me engana
Havemos de ir a Viana

Partamos de flor ao peito
Que o amor é como o vento
Quem pára perde-lhe o jeito
E morre a todo o momento.

Refrão

Cigarras, verdes cigarras
Deixai-me com esta crença
Os pecados têm vinte anos
Os remorsos têm oitenta.

Refrão

Meu amor, meu amor

Letra: José Carlos Ary dos Santos
Música: Alan Oulman

♩= 60

Sim Fá#7

6 Sim Si7 Mim

12 LáM Sim Fá#7 Sim
Meu a - mor, meu a-

18 Sim Fá#7
mor Meu cor - po em mo-vi - men-to

24 Sim SolM
Mi-nha voz à pro - cu - ra Do seu pró-prio la-

30 Fá#7 Si7 Mim
men-to Meu li - mão de a-mar - gu - ra

36 LáM RéM Dó#M
Meu pu - nhal a es-cre - ver: Nós pa - ra-mos o

42 Fá#m Mim Fá#M
tem-po Não sa - be - mos mor - rer E nas-

48 Mim Sim Fá#7
ce-mos, nas - ce-mos Do nos-so en-tris-te - cer.

54 Mim Fá#7
Meu a - mor, meu a - mor Meu

60 Sim Si7 Mim
pás-sa-ro cin - zen - to A cho - rar a lon - ju - ra

66 LáM SolM Fá#M
Do nos-so a-fas - ta - men-to Meu a-

72 Sim Sim Fá#7
mor, meu a - mor Meu nó de so-fri - men-to

79 Sim SolM
Mi-nha mó de ter - nu - ra Mi-nha nau de tor-

85 Fá#7 Si7 Mim LáM
men-to Es-te mar não tem cu-ra Es-te

92 RéM Dó#M Fá#m
céu não tem ar Nós pa - ra-mos o ven-to

99 Mim Fá#M Mim Sim
Não sa - be-mos na - dar E mor - re - mos, mor - re-mos

106 Fá#7 Sim Fá#7 Sim
De-va - gar, de-va - gar...

Dó#M= RéM= Mim= Fá#7= Fá#M= Fá#m= SolM=
LáM= Sim= Si7=

Alfama

Texto: José Carlos Ary dos Santos
Música: Alain Oulman

♩= 50

Rém DóM SibM Lá7

3 O Rém
Quan-do Lis-bo-a a-noi-te-ce Co-mo um ve-lei-ro sem

6 Solm Lá7 Rém DóM
ve-la Al-fa-ma to-da pa-re-ce U-ma ca-sa sem ja-

10 SibM Lá7
ne-las A on-de o po-vo ar-re-fe-ce. É nu-ma á-gua-fur-

14 Rém Ré7 Solm Lá7
ta-da es-pa-ço rou-ba-do_á má-goa Que_Al-fa-ma fi-ca fe-

18 Rém DóM SibM
cha-da Em qua-tro pa-re-des de á-gua Qua-tro pa-re-des de

22 Lá7 Rém Ré7
pran-to. Qua-tro mu-ros de_an-sie-da-de Que à noi-te fa-zem o

26 Solm Lá7 Rém
can-to Que se_a-cen-de na ci-da-de Fe-

29 Solm Rém Lá7
cha-da em seu de-sen-can-to Al-fa-ma chei-ra a sau-

32 Rém O Rém
da-de. Al-fa-ma não chei-ra_a fa-do

Quando Lisboa anoitece
Como um veleiro sem vela
Alfama toda parece
Uma casa sem janelas
Aonde o povo arrefece.

É numa água furtada
No espaço roubado á mágoa
Que Alfama fica fechada
Em quatro paredes de água
Quatro paredes de pranto.

Quatro muros de ansiedade
Que à noite fazem o canto
Que se acende na cidade
Fechada em seu seu desencanto
Alfama cheira a saudade.

Alfama não cheira a fado
Cheira a povo, a solidão,
Cheira a silêncio magoado
Sabe a tristeza com pão
Alfama não cheira a fado
Mas não tem outra canção.

Alfama não cheira a fado
Mas não tem outra canção.

Fado Português

Letra: José Régio
Música: Alan Oulman

SolM RéM Si7 Mim

LáM Rém

O

Solm Lá7

Fa - do nas-ceu um di - a Em que o ven - to mal bu - li - a

Rém

É o céu o mar pro-lon - ga - va, Na a-mu - ra-da de_um ve-

DóM SibM Solm

lei - ro, No pei - to de um ma - ri - nhei - ro Que es - tan - do tris - te can-

LáM Lá7 RéM

ta - va, que_es-tan-do tris - te can - ta - va.

O Fá#m

Ai que lin-de-za ta - ma-nha Meu chão, meu mon - te meu

Si7 Mim

va - le, De fo-lhas, flores, Fru-to de oi-ro! Vê se

RéM Si7 Mim LáM

vês ter-ras de Es - pa-nha, A - rei-as de Por-tu - gal, O - lhar ce-gui-nho do

O Fado nasceu um dia
Em que o vento mal bulia
E o céu o mar prolongava,
Na amurada de de um veleiro,
No peito de um marinheiro
Que estando triste cantava

Que estando triste cantava

Ai que lindeza tamanha
Meu chão, meu monte meu vale,
De folhas, flores. Fruto de oiro!
Vê se vês terras de Espanha,
Areias de Portugal,
Olhar ceguinho do choro.

Ai boca de um marinheiro
Do frágil barco veleiro
Morrendo, a canção magoada
Diz o pungir dos desejos,
Do lábio a queimar de beijos
Que beija o ar e mais nada.

Que beija o ar e mais nada.

Mãe adeus! Adeus Maria!
Guarda bem no teu sentido
Que aqui te faço uma jura,
Que ou te levo à sacristia,
Que foi Deus que foi servido
Dar-me no mar sepultura!

Ora eis que embora outro dia,
Quando o vento nem bulia
E o céu o mar prolongava,
A proa doutro veleiro,
Velava outro marinheiro,
Que estando triste cantava.

Que estando triste cantava.

É ou não é

Alberto Janes

♩= 86

FáM DóM Sol7

4 DóM DóM DóM

É ou não é Que o tra-ba-lho di-gni - fica É as-sim que nos ex-

8 Sol7

plica O ri-fão que nun-ca falha É ou não é Que dis-to to-da a ver-

11 DóM

dade É que só por di-gni - dade No Mun-do nin-guém tra - balha É ou não

14 Sol7 DóM Sol7

é Que o po-vo nos diz que não Que o na-riz não é fei - ção Se-ja gran-de ou de-li-

17 DóM

ca-do. No meio da cara Tem por for-ça que se ver Mes-mo a quem não o me-

20 Sol7 DóM

ter On - de não é cha - mado.

24 Sol7 DóM Dó7 FáM

28 Sol7 DóM Sol7 DóM

32 Rém DóM Sol7 DóM

É ou não é
Que o trabalho dignifica
É assim que nos explica
O rifão que nunca falha
É ou não é
Que disto toda a verdade
É que só por dignidade
No Mundo ninguém trabalha

É ou não é
Que o povo nos diz que não
Que o nariz não é feição
Seja grande ou delicado.
No meio da cara
Tem por força que se ver
Mesmo a quem não o meter
Onde não é chamado.

Refrão

Digam lá se é assim ou não é
Ai não não é ai não não é
Digam lá se é assim ou não é
Ai não não é - pois é.

É ou não é
Que um velho que á rua saia
Pensa ao ver a mini-saia
Este Mundo está perdido
Mas se voltasse
Agora a ser rapazote
Acharia que o saiote
É muitíssimo comprido

É ou não é
Bondosa a humanidade
Todos sabem que a bondade
É que faz ganhar o Céu
Mas a verdade
Nua sem salhamaleque
Que tive de aprender é que
Ai, de mim se não for eu.

Refrão

Digam lá se é assim ou não é
Ai não não é ai não não é
Digam lá se é assim ou não é
Ai não não é - pois é.

Lá porque tens cinco pedras

Letra: Linhares Barbosa
Música: Filipe Pinto

♩= 60

RéM LáM RéM LáM RéM RéM LáM

Lá por - que tens cin - co pe-dras Num

RéM RéM LáM

a-nel de es - ti-ma-ção Lá ção A - go-ra fa-las co - mi - go Com

RéM LáM

cin-co pe-dras na mão. A - go-ra fa-las co - mi - go Com cin-co pe-dras na

RéM LáM RéM

mão. En - quan-to nes - ses bri - lhan-tes Tens so-ber-ba e tens vai-da-de En-

LáM RéM

quan - to nes - ses bri - lhan-tes Tens so - ber - ba e tens vai - da - de Eu

LáM RéM

te-nho as pe-dras da ru - a P'ra pas-se-ar à von - ta-de. Eu te-nho as pe - dras da

LáM RéM LáM

ru - a P'ra pas-se-ar à von - ta-de. Mas não pas-ses sor - ri - den-te A a-

Lá porque tens cinco pedras
Num anel de estimação
Lá porque tens cinco pedras
Num anel de estimação
Agora falas comigo
Com cinco pedras na mão
Agora falas comigo
Com cinco pedras na mão.

Enquanto nesses brilhantes
Tens soberba e tens vaidade
Enquanto nesses brilhantes
Tens soberba e tens vaidade
Eu tenho as pedras da rua
P'ra passear à vontade
Eu tenho as pedras da rua
P'ra passear à vontade.

Mas não passes sorridente
A alardear satisfeito
Mas não passes sorridente
A alardear satisfeito
Pois hei-de chamar-te à pedra
Pelo mal que me tens feito
Pois hei-de chamar-te à pedra
Pelo mal que me tens feito.

E hás-de ficar convencido
Da afirmação consagrada
E hás-de ficar convencido
Da afirmação consagrada
Quem tem telhados de vidro
Não deve andar à pedrada
Quem tem telhados de vidro
Ai, não deve andar à pedrada.

Malmequer pequenino

Música: Popular (Ricardo Borges de Sousa)
Texto: D.R.

O malmequer pequenino
Disse um dia à linda rosa
Por te chamarem rainha
Não sejas tão orgulhosa.

Papoilas que o vento agita
Não me canso de vos ver
Há lá coisa mais bonita
Que ser simples sem saber.

Por te amar perdi a Deus
Por teu amor me perdi
Agora vejo-me só
Sem Deus, sem amor, sem ti.

Aquela mulher pecou
Por amor se fez fadista
Tão longe o Fado a levou
Que Deus a perdeu de vista.

Malmequer pequenino

Música: Popular (Ricardo Borges de Sousa)
Texto: D.R.

Com que voz

Letra: Luis de Camões
Música: Alain Oulman

𝅗𝅥 = 50

Fám — SIbm
Com que voz cho-ra-rei meu tris-te fa-do

Dó7 — Fám
Que_em-tão du-ra pai-xão me se-pul-tou

FáM — Lá7 — Rém
Que mor não se-ja a dor que me dei-xou o tem-po

SibM — Fám
que me dei-xou o tem-po meu bem de-sen-ga-

SIbm — Dó7
na-do de meu bem de-sen-ga-na-do Mas cho-

Fám — SIbm
rar não se_es-ti-ma nes-te_es-ta-do A-

Dó7 — Fám
on-de sus-pi-rar nun-ca_a-pro-vei-tou

FáM — Lá7 — Rém
Tris-te que-ro vi-ver pois se mu-dou Em tris-te-za,

SibM — Fám
pois se mu-dou Em tris-te-za, a_a-le-gria do pas-

Maldição

Letra: Armando Vieira Pinto
Música: Alfredo Duarte (Marceneiro)

♩= 52

Solm Rém

Lá7 Rém
Que des -

Lá7 Rém Lá7 Rém
ti - no ou mal - di - ção Man - da em nós, meu co - ra - ção?

Ré7 Solm Lá7
Um do ou - tro as - sim per - di - dos So - mos dois gri - tos ca -

Rém Lá7 Rém
la - dos, Dois fa - dos de - sen - con - tra - dos, Dois a - man - tes de - su - ni - dos...

Solm Rém
So - mos dois gri - tos ca - la - dos, Dois fa - dos de - sen - con -

Lá7 Rém
tra - dos, Dois a - man - tes de - su - ni - dos... Por ti

Lá7 Rém Lá7 Rém
so - fro_e vou mor - ren - do... Não te en - con - tro, nem me en - ten - do,

Ré7 Solm Lá7
A - mo_e_o - dei - o sem ra - zão... Co - ra - ção! Quan - do te

Ó careca

Joaquim Bernardo do Nascimento / Guilherme Pereira / Raúl Câmora

Ré7= Mii7= SolM= Lám=

Eu faço um vistão
Com a pinha ao léo
Acho um piadão
Andar sem chapéu .

Mas se a moda pega
Tenho que "gramar"
Esta cega rega
Que é de arreliar:

Refrão
Ó careca, ó careca
Larga a moda
Se é moda andar em cabelo
Com a bróca
Põe a tampa na cabeça
Que a careca não tem pêlo...

Eu visto a preceito
Ando assim liró
Corpinho bem feito
No meu "palitó"

Com esta farpela
Que é protocolar
Trago a tola à vela,
Mas oiço gritar:

Refrão

Abandono

Música: David Mourão Ferreira
Texto: Alain Oulman

Por teu livre pensamento
Foram-te longe encerrar.
Por teu livre pensamento
Foram-te longe encerrar.
Tão longe que o meu meu lamento
Não te consegue alcançar!
E apenas ouves o vento!
E apenas ouves o mar!

Levaram-te meio da noite:
A treva tudo cobria!
Levaram-te meio da noite:
A treva tudo cobria!
Foi de noite, numa noite
De todas a mais sombria!
Foi de noite, foi de noite,
E nunca mais se fez dia!

Ai, dessa noite o veneno
Persiste em me envenenar!
Ai, dessa noite o veneno
Persiste em me envenenar!
Ouço apenas o silêncio
Que ficou em teu lugar...
Ouço apenas o silêncio
Que ficou em teu lugar...
Ao menos ouves o vento!
Ao menos ouves o mar!

Abandono

Cuidei que tinha morrido

Música: Pedro Homem de Melo
Texto: Alain Oulman

Ao passar pelo ribeiro,
Onde às vezes me debruço
Fitou-me alguém corpo inteiro,
Dobrado como um soluço
Pupilas negras, tão lassas,
Raízes iguais às minhas
Meu amor, quando me me enlaças,
Porventura as adivinhas,
Meu amor, quando me me enlaças.

Que palidez nesse rosto
Sob o lençol do luar
Tal e qual quem, ao sol posto,
Estivera a agonizar
Deram-me então por conselho
Tirar de mim o sentido
Mas depois vendo-me ao espelho
Cuidei que tinha morrido
Cuidei que tinha morrido.

Cuidei que tinha morrido

É pecado

Texto: Guilherme Pereira da Rosa
Música: Amália Rodrigues

Já fiz pro-mes-sas a
Deus - Não cum-pri De nun-ca mais te lem - brar! Meus o-lhos fi-tam os
teus É quan-do pro-me - ti, Ao ver-te caí de la - do... Ten-tei sor-rir, quis vi -
ver - É so-fri! - Não sei vi-ver sem pe - nar, A-mar de mais é so -
frer, A-mar de mais foi er - ra - do. Foi meu pe - ca - pas -
É pe - ca - do, É lou - cu - ra,
Ter no co-ra - ção És-ta má pai - xão Que só traz des - gra - ças.
No meu fa - do, Sem ven - tu - ra,
An-da a so - li - dão, Pas-sa o tem-po em vão, - É só tu não

Já fiz promessas a Deus
- Não cumpri
De nunca mais te lembrar!
Meus olhos fitam os teus
É quando prometi,
Ao verte caí de lado...
Tentei sorrir, quis viver
- É sofri!
Não sei viver sem penar,
Amar de mais é sofrer,
Amar de mais foi errado
- Foi meu pecado

Refrão
É pecado,
É loucura,
Ter no coração
Esta má paixão
Que só traz desgraças.
No meu fado,
Sem ventura,
Anda a solidão,
Passa o tempo em vão
- É só tu não passas!

O meu viver, sem viver
Vem de ti ;
Talvez do fado- é igual!
Por culpa desta paixão
Eu tenho coração
Assim amargurado...
Razões não quis atender
- Não ouvi!
- Só quis o bem, tive o mal
Por ti perdi a razão;
De quanto tempo passado
Tu és culpado

Espelho quebrado

Texto: David Mourão Ferreira
Música: Alain Oulman

= 40

Ré7 Solm

DóM FáM FáM Lám
Com o seu chi-co-te,_o ven - to

Ré7 Solm DóM
Que - bra_o_es-pe-lho do la - go Em mim foi mais vi-o - len - to o_es-

FáM Ré7
tra - go Por-que_o ven-to_ao pas - sar Mur-mu-ra-va o teu

Solm DóM
no - me De - pois de_o mur - mu - rar dei-

FáM Lám Ré7 Solm
xou - me Tão rá-pi-do pas - sou Nem sou-be des-tru - ir - me

DóM FáM
As má-goas em que sou tão fir - me Mas a su - a pas-

Ré7 Solm
sa-gem Em vi-dro re-cor - ta - va No la-go_a mi-nha_i-

DóM FáM Lám
ma - gem de_es - cra - va. Ó lí-qui-do cris - tal

Alamares

Texto: João Linhares Barbosa
Música: Jaime Santos

Comprei uns alamares p'ra enfeitar o teu varino
Quero-te à marialva, à moda antiga:
Chapéu d'aba direito, dum castiço figurino,
E na boca formosa uma cantiga.

Bota de polimento que se veja bem o salto,
Biqueira miudinha, afiambrada,
Uma cinta de seda sobre a calça de cós alto,
Samarra de astrakam, afadistada.

Refrão
Na Mouraria,
Desd'Amendoeira à guia,
Vamos encher de Alegria
Esse bairro sonhador...

Que esta guitarra
Tenha a voz de uma cigarra
Que o seu trinado desgarra
Numa toada de amor.

Gravata à cavaleira na tua camisa branca,
"Fica mesmo ao pintar..."se não te importas
Vamos depois aos toiros, no domingo, a Vila Franca
E na segunda-feira, para as hortas.

Na adega mais antiga da Calçada de Carriche
Havemos de cantar o "rigoroso"!
Tu pões uma melena no cabelo d'azeviche
E sobre a orelha um cravo imperioso.

Refrão

Primavera

Texto: David Mourão Ferreira
Música: Amália Rodrigues

♩= 60

Solm Rém Lá7

6 Rém Lá7
To-do o a-mor que nos pren - de - ra, Co-mo se fo-ra de

12 Rém Solm
ce - ra, Se que-bra - va_e des-fa - zi - a Ai fu - nes-ta a pri-ma-

18 Rém Lá7 Rém
ve - ra, Quem me de - ra, quem nos de - ra, Ter mor-ri - do nes-se di - a.

23 Ré7 Solm Rém Lá7
Ai fu - nes - ta pri-ma - ve-ra, Quem me de-ra, quem nos de - ra,

29 Rém Lá7
Ter mor-ri-do nes-se di - a. É con-de - na-ram - me_a tan-to, Vi -

35 Rém Solm
ver co-mi-go meu pran-to, Vi - ver, vi-ver e sem ti. Vi - ven-do sem no en-

42 Rém Lá7 Rém Solm
tan-to, Eu me es-que-cer des-se_en - can-to, Que nes-se di-a per - di. Vi -

49 Rém Lá7
ven-do sem no en - tan - to, Eu me es-que-cer des-se_en - can - to, Que nes-se di-a per-

54 Rém Lá7 Lá7
di. Pão du-ro da so-li - dão, É so-men-te_o que nos dão,

61 Rém Ré7 Solm Rém
O que nos dão a co - mer. Que im - por-ta que_o co-ra ção

67 Lá7 Rém Ré7 Solm
Di-ga que sim ou que não, Se con-ti-nu-a a vi - ver. Que_im

73 Rém Lá7 Rém
por-ta que_o co-ra - ção Di-ga que sim ou que não, Se con-ti-nu-a a vi ver. -

79 Lá7
To-do_a-mor que nos pren - de-ra, Se que - bra-ra e des-fi -

84 Rém Ré7 Solm
ze - ra, Em pa-vor se con-ver - ti - a. Nin-guém fa - le pri-ma-

90 Rém Lá7
ve - ra, Quem me de - ra, quem nos de - ra. Ter mor-ri-do nes-se

94 Rém Ré7 Solm Rém
di - a. Nin-guém fa - le em pri-ma - ve - ra,

99 Lá7 Rém Lá7 Rém
Quem me de-ra, quem nos de - ra. Ter mor-ri - do nes-se di - a.

Rém= Ré7= Solm= 3fr. Lá7=

Caracóis

Popular

Há janelas avarandadas
Mora aqui algum doutor
Ai, eu venho-me aconselhar
Ai, ando mal com o meu amor.

Refrão

São caracóis, são caracolitos
São os espanhóis, são os espanholitos
São os espanholitos, são os espanhóis,
São caracolitos, são caracóis, Bis

Ai um dia fui a Espanha
Comi lá com os espanhóis
Toucinho assado no espeto
No molho dos caracóis

Refrão

Malhão de S. Simão

Popular

Tº de Malhão

FáM SibM

FáM SibM FáM

SibM FáM

P'ra on-de vais to-da lam - pei - ra Mo-re-na de o-lhos tra - ves-sos P'ra on-

SibM FáM

de vais to - da lam - pei - ra

SibM FáM SibM

FáM SibM

Ó Ma-lhão Ma - lhão P'ra on-de vais to-da lam - pei - ra

FáM SibM

Tão de-pres - sa e co-ra - di - nha To - da chei-a de chi - ei - ra

FáM SibM FáM

SibM FáM SibM

Is-to é do pó da ei - ra Cha-

FáM= SibM=

P'ra onde vais toda lampeira
Morena de olhos travessos
P'ra onde vais toda lampeira

Ó Malhão Malhão
P'ra onde vais toda lampeira
Tão depressa e coradinha
Toda cheia de chieira

Isto é do pó da eira
Chamaste-me moreninha
Isto é do pó da eira

Ai Malhão Malhão
Isto é do pó da eira
Hás-de me ver ao Domingo
Como a rosa na roseira

Põe-te em lugar que eu veja
Se fores domingo à missa
Põe-te em lugar que eu veja

Ai Malhão Malhão
Põe-te em lugar que eu veja
Não faças andar meus olhos
A bailar pela Igreja

Hei - de ir à missa do dia
Para o Domingo que vem
Hei - de ir à missa do dia

Ai Malhão Malhão
Hei - de ir à missa do dia
Para ver o meu amor
À porta da Sacristia.